PRÁTICAS DISCURSIVAS ENTRE HOMOSSEXUAIS MASCULINOS EM SITUAÇÃO DE TRABALHO: SALÃO DE BELEZA

Veridiana Caetano[1]

RESUMO: Partindo de pressupostos que articulam estudos sobre o trabalho (Schwartz, 2003) e a teoria dialógica do discurso (Bakhtin, 1952-1953/2003; Bakhtin/Volochinov, 1929/2004), este artigo analisa práticas discursivas de cabeleireiros, homossexuais masculinos, em seu ambiente de trabalho – salão de beleza. O objetivo do estudo é investigar características do trabalho do cabeleireiro homossexual masculino a partir das práticas de linguagem utilizadas em determinados momentos laborais concretos. Espera-se com esta reflexão, que valoriza a experiência do profissional e sua linguagem, compreender, pela análise discursiva, facetas da constituição dialógica do sujeito, bem como características (muitas vezes não-aparentes) da atividade do cabeleireiro no salão de beleza.

Palavras-chave: prática discursiva, atividade de trabalho, constituição do sujeito

0. Introdução

A sociedade, conjunto de pessoas que vivem em certa faixa de tempo e de espaço, seguindo normas comuns, e que são unidas pelo sentimento de grupo, corpo social e coletividade[2], está passando por um momento de intensas modificações. Nesse contexto evolutivo, surgem concepções que dizem respeito – e muito – aos seres humanos, o que faz emergir, dentre outras práticas, diferentes atividades linguageiras, novos comportamentos e diferenciadas estruturas de trabalho. Ainda que haja uma evolução constante, nem sempre a sociedade convive amistosamente com as diferenças, aparecendo, muitas vezes, atitudes de preconceito. Nesse contexto, é comum observar que alguns grupos de pessoas, algumas vezes, passam por "desconfortos" sociais por serem considerados "diferentes". Dentre aqueles que causam diferentes reações da sociedade, estão os homossexuais, os quais têm conquistado alguns espaços de produção de saber que pouco tem sido discutido no meio acadêmico, como a atividade no salão de beleza. Considerando tais observações, o objetivo do presente artigo é investigar características do trabalho do cabeleireiro homossexual masculino a partir das práticas de linguagem utilizadas em determinados momentos laborais concretos.

Com aporte teórico em Yves Schwartz (2003) e Mikhail Bakhtin (1952-1953/2003, 1929/2004), compreendo aqui a linguagem como resultado de uma atividade humana, imprescindível no ambiente de trabalho. Assim, a pesquisa aborda estudos que consideram a

---

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Lingüística Aplicada – da UCPel.
[2] Definição retirada do Dicionário Houaiss eletrônico.

língua em seu uso, na prática social, e não como uma estrutura isolada, um sistema. A escolha dos teóricos se deu pela possibilidade de aproximar seus pensamentos, apesar da distância temporal entre ambos. O primeiro compreende a atividade de trabalho no conjunto de atividades humanas, observando o debate de normas (antecedentes e renormatizações). Compõe-se, então, um recurso para inquirir o que é realizado por um sujeito, que traz consigo princípios e preceitos mas que, acima de tudo, cria e recria a todo instante sua relação com o meio em que vive, num processo de co-engendramento sujeito-mundo, numa constante tentativa de renormatização: "toda situação de trabalho seria sempre, segundo graus variáveis, experiência, encontro; por isso, ela é colocada à prova de normas e valores antecedentes numa situação histórica sempre em parte singular" (Schwartz, 2000). Bakhtin, por outro lado, leva em conta que a língua só pode ser observada na interação, na qual intervêm as perspectivas sócio-históricas, as relações com o outro e aquilo que é produzido pela realidade dos interlocutores. Percebe-se, então, que em ambas as tendências a questão valorativa é essencial para a interação entre os indivíduos.

O presente artigo está organizado em quatro seções: a primeira discorre sobre trabalho e ergologia; a seguinte traz as contribuições da concepção dialógica de linguagem; a terceira discorre sobre o preconceito homossexual e a quarta apresenta a metodologia empregada na pesquisa e a interpretação dos dados. Encerro o trabalho tecendo algumas considerações finais.

1. Trabalho e Ergologia

Um dos aspectos determinantes do ser humano e da sociedade é, sem dúvida, a geração e a manutenção de meios de trabalho. Os temas 'trabalho' e 'sociedade' são analisados e ponderados por vários autores interessados em analisá-los, e daí sobrevêm exposições a respeito da questão.

Segundo Wanderley Codo[3], a palavra trabalho, no sentido corrente, é encontrada como sinônimo de atividade, ocupação, ofício, profissão, tarefa, distinguindo-se de lazer e aparecendo, ainda, como resultado de uma determinada ação. Em alguns idiomas, a palavra 'trabalho' aparece com duplo significado: ação-esforço e moléstia-fadiga, "um esforço humano que implica sacrifício e dor, moléstia e sofrimento, e que determina a produção ou conservação de um bem ou de uma utilidade" (Codo, 1993). Ainda nessa linha de pensamento, o autor apresenta-nos outra definição: "chamamos processo de trabalho o

[3] Wanderley Codo é professor filiado ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho e desenvolve suas pesquisas no Laboratório do Trabalho.

conjunto de operações realizadas por um ou vários trabalhadores, orientados para a produção de uma mercadoria ou realização de um serviço" (Codo, 1993). Já para Berger[4], o "trabalho significa modificar o mundo tal qual ele é encontrado" (Berger, 1983), o que salienta dependência recíproca entre o homem e o trabalho. Com a perspectiva da ergológica, Yves Schwartz, filósofo, pesquisador e professor da Universidade de Provence/França, que tem se dedicado há alguns anos à pesquisa da situação de trabalho, aborda "o conceito de trabalho através do conceito de atividade industriosa (...) envolve sempre algo como um 'debate de normas'" (Schwartz, 2006).

No final do século XIX, com a chegada do taylorismo[5], *o trabalho prescrito,* sob a forma de *tarefa*, desenvolveu-se. A abordagem da "administração científica" buscou prescrever tempos, regras e movimentos, visando a ditar modos operatórios (Laville, Teiger & Daniellou, 1989). Assim, o trabalho prescrito, tal como fora preconizado por Taylor, está afastado do trabalho real, realizado por sujeitos que pensam e fazem escolhas. Esse método tayloriano previa um trabalhador que executava as tarefas de maneira mecânica e repetitiva. No entanto, segundo Schwartz, apesar de o Taylorismo pressupor um trabalho no qual, aparentemente, não há a necessidade de reflexão sobre a atividade desenvolvida, mesmo nessa situação as pessoas têm necessidade de pensar e de se relacionar. Sendo assim, observou-se que existe uma distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, pois este é realmente executado pelo trabalhador e não corresponde exatamente à intenção prescritiva.

O trabalho sempre ocupou lugar central nas diferentes comunidades em tempos diversos e, lentamente, foi sendo limitado pelas condições socialmente estabelecidas. Seu conceito vem evoluindo à medida que o cenário econômico e político se transforma e, com ele, a concepção que a sociedade e as pessoas têm sobre o que significa trabalhar. Juntamente com esse progresso, surge a necessidade de se observar mais de perto o que é vivido nos ambientes de trabalho, as relações existentes, o que proporciona a abertura para um campo de novas análises em que se valoriza a dimensão intersubjetiva nos processos laborais. A atividade humana se constitui na relação entre o sujeito e o outro, como o trabalho, o contexto histórico-social, a rotina diária, as surpresas etc.

Na discussão sobre a importância dos aspectos gerais e individuais do trabalho, surge a Ergologia. É uma abordagem que objetiva conhecer as situações de trabalho na perspectiva de intervenções que possibilitem transformá-las e melhorá-las. Não se trata, portanto, de uma

---

[4] Peter Berger é professor de Sociologia e de Teologia e diretor do Institute on Culture, Religion, and World Affairs na Universidade Boston.

[5] Taylorismo ou Administração Científica é o modelo de administração desenvolvido pelo engenheiro estadunidense Frederick Winslow Taylor (1856-1915), que é considerado o pai da administração científica.

nova disciplina, mas de um conjunto de reflexões no campo das ciências humanas e do trabalho que valoriza a singularidade da atividade e, por isso, necessita de várias disciplinas para constituir seu embasamento teórico (filosofia, sociologia, lingüística etc). Na França, em 1983, na Universidade de Provence, surgiu essa nova abordagem em contextos de estudos sobre a análise pluridisciplinar das situações de trabalho, dando origem ao Departamento de Ergologia.

Conforme Schwartz (no prelo), a atividade de trabalho, no conjunto das atividades humanas, pode ser observada pela linguagem, já que "a linguagem no trabalho é rica":

> (...) A partir do momento em que se leva a sério a atividade, chega-se à conclusão de que há realmente alguma coisa a ser vista no trabalho. Nesse momento, reintegram-se as trocas linguageiras envolvidas nessa tensão geral que compreende toda atividade. Procura-se compreender tais construções linguageiras - que, à primeira vista, são surpreendentes – como sendo subversões da linguagem, invenções mais ou menos bem ajustadas às situações locais e que, portanto, as acompanham e permitem sua eficácia, ainda que sejam com freqüência estritamente incompreensíveis para quem não se encontre na referida situação – o que é normal: incompreensíveis, justamente porque estão sendo criadas em função da singularidade da situação e dos problemas singulares colocados pela situação.

A citação de Schwartz vem ao encontro da reflexão proposta por este estudo, uma vez que evidencia a importância da linguagem em situação de trabalho, especialmente quando faz emergir singularidades da atividade do trabalhador. É, nessa perspectiva, que podemos entender que a profissão de cabeleireiro constitui-se como uma atividade social, linguageira, na qual existe uma interação entre os interlocutores. Assim, é uma forma de socialização e de construção identitária.

Conforme Vion (*apud* Algodoal, 2002), o sujeito se constitui exclusivamente se socializando e somente pela interação entre indivíduos é possível essa socialização. Ressalta-se aí a importância de um posicionamento recíproco dos interlocutores. É por meio da interação verbal que se constroem os sentidos, as relações sociais e as imagens identitárias dos participantes, qualquer que seja a orientação em relação à interação, já que há consenso entre os lingüistas de que esta é o verdadeiro lugar de "trabalho" dos sujeitos. A linguagem e o trabalho, nessa perspectiva, são as duas formas mais importantes na práxis do indivíduo, uma vez que transformam o meio social e permitem trocas e negociações variadas.

2. Contribuições da concepção dialógica de linguagem

A linguagem diz respeito a uma atividade que, realizada sob diferentes formas, como gestos, sinais, sons, símbolos e palavras, se concretiza nas interações sociais. Nesta acepção, a linguagem é constituída pelo outro, pois se realiza como prática socialmente desenvolvida, em

que brotam diferentes experiências (passadas, presentes e projeções de futuras). Constituída heterogeneamente, a linguagem é dinâmica e social; por isso, não pode ser considerada como um ato individual de um sujeito falante. Ela varia de época para época, de região para região, de situação para situação, de interação para interação.

Nesse contexto, a língua, para Bakhtin/Volochinov (1992), foge da visão de mera estrutura e é compreendida a partir de seu uso concreto. A linguagem está diretamente relacionada à ação sobre o outro e se tem no enunciado uma constante resposta aos enunciados do outro e aos seus próprios enunciados. O sujeito, para expressar-se, considera a reação de seu co-enunciador, ao que se lhe está sendo dito, e isso influencia sua fala.

Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (Bakhtin/Volochinov, 1992), entende-se por dialogismo não a simples troca oral entre pessoas colocadas face a face, mas sim o vínculo que existe entre todos os enunciados de um dado campo da comunicação verbal e também entre os enunciados de um determinado gênero de discurso. Assim, o dialogismo é uma propriedade inseparável da linguagem. Quando falamos (e fazemos isso por meio de enunciados concretos), estamos respondendo a algo, isto é, a enunciados anteriores. Além disso, os enunciados ditos por nós, também criam uma disposição para que os outros também tenham para com ele uma ativa compreensão responsiva. Diálogo, para Bakhtin, não está, portanto, só na base do enunciado, mas na base das relações humanas, no vínculo entre um eu com um outro, e essa ligação aparece sob a forma de interação verbal.

Depreende-se, então, que o cerne da obra bakhtiniana está na linguagem, na interação verbal e seu caráter dialógico resultante, portanto, da abordagem histórica e viva da língua e suas relações sociais. A verdadeira substância da língua é constituída “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (Bakhtin/Volochinov, 1992, p.123).

3. O preconceito em relação aos homossexuais

Conforme a Enciclopédia Barsa (1998), o homossexualismo se caracteriza pelo interesse sexual, exclusivo ou preferencial, por pessoa do mesmo sexo, tendo em contraposição o heterossexualismo, marcado pelo interesse sexual por pessoa de sexo oposto. Essas diferentes orientações sexuais dividem espaço desde os primórdios da humanidade, porém as origens do homossexualismo permanecem desconhecidas. Estudos realizados em todo o mundo apresentam registros de homossexualidade entre povos das antigas civilizações romanas, egípcias, gregas, assírias e na Caldéia, antigo berço da civilização (Costa, 1994).

Sabe-se que na antigüidade a beleza, a força e a virilidade dos corpos masculinos eram valorizadas entre os homens, que acabavam seduzidos uns pelos outros e, assim, entregando-se às paixões homossexuais. Uma curiosidade peculiar da cultura grega da antigüidade é que o interesse entre os homens provinha da valorização da sua capacidade de pensar, pois julgavam as mulheres inferiores intelectualmente, destinando-as apenas à procriação. Nesse recorte histórico, pode-se observar que as relações homossexuais coabitavam os hábitos da população. Nota-se, desse modo, que a maneira de encarar a homossexualidade advém de uma questão cultural. A nossa civilização foi sedimentando o machismo de forma a conceber como "normal" apenas o relacionamento entre homem e mulher (Curti, 2000). Quando as relações seguem caminhos diferentes do dito “normal”, observamos um grave problema social: o preconceito.

Entendido como um “conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo”, o preconceito “define a natureza do grupo e, portanto, adere indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem” (Mezan, 1998, p. 226). Para Jones (citado por Goldstein, 1983), autor ligado à Psicologia Social, o preconceito é definido como “um julgamento negativo dos membros de uma raça ou religião, dos ocupantes de qualquer outro papel social significativo, uma avaliação não válida de um grupo ou de seus membros”. Ainda pode ser entendido como “uma atitude ou sentimento que predispõe o indivíduo a atuar, pensar e sentir de modo desfavorável sobre outra pessoa ou objeto” (p. 50).

O termo “homossexual”, surge aproximadamente no ano de 1869, através do médico Karl Maria Kertbeny, que tinha por objetivo “legitimar biologicamente a ‘vocação’ homossexual e isentar de culpa os seus ‘vocacionados’” (Trevisan, 2002, p.33). O vocábulo foi rapidamente vinculado a uma "chaga", que deveria ser tratada. Ao longo da história, os homossexuais passaram por vários preconceitos, injustiças e punições que iam desde as mais comuns como multas e confiscos de bens até as mais brutais, como cortes de orelhas, apedrejamentos, enforcamentos ou mortes em fogueiras.

Essa ultrapassada concepção vigorou em grande parte do mundo até algumas décadas passadas. Uma grande conquista nessa área se deu no ano de 1973 quando a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade do seu “Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais”, depois de rever estudos e provas que revelavam que a homossexualidade não se enquadra nos critérios utilizados na categoria de doenças mentais. Constatou-se então que a homossexualidade é uma forma de orientação sexual. Esse processo só ocorreu no Brasil em 1985, quando o Conselho Federal de Medicina passou a

desconsiderar a homossexualidade como uma doença, o mesmo ocorrendo em 1991 com a Organização Mundial da Saúde. Sendo assim, conforme Humberto Rodrigues, cai o uso do termo “homossexualismo” (uma vez que o sufixo “ismo” é usado para terminologia de palavras associadas a doenças), passando a ser utilizada como referência “homossexualidade”. Em 1999, foi a vez do Conselho Federal de Psicologia publicar portaria ratificando a normalidade da homossexualidade, ao mesmo tempo em que condenou as teorias e terapias homofóbicas[6].

Mesmo que nos últimos tempos a homossexualidade tenha deixado de ser considerada “doença”, isso não significa que os problemas a ela relacionados tenham desaparecidos, pois em diversos países ela ainda é tida como crime. Apesar da livre opção sexual ser um direito de todo cidadão, garantido pela “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, ainda persistem as questões relacionadas ao estigma.

O antropólogo, professor, escritor e fundador do Grupo Gay da Bahia, Luiz Mott, em entrevista concedida ao jornalista Jefferson Saavedra, do Jornal A Notícia, de Florianópolis, faz as seguintes observações a respeito da forma que se manifesta o preconceito ao homossexual:

> Algumas pesquisas de institutos confiáveis mostram que o grau de rejeição aos homossexuais em algumas áreas, como formadores de opinião, chega a 80%. Isso é preocupante porque a televisão, a mídia, ou omite a presença de homossexuais dignos, respeitosos e bem-sucedidos, através do complô do silêncio, ou então exibem caricaturas ou estereótipos que reforçam o preconceito. A tal ponto que recentemente, em um encontro de psicólogos protestantes, uma "ex-lésbica" vinda do Canadá falou que a homossexualidade era uma infelicidade, uma parada no desenvolvimento da personalidade. Nesse mesmo dia em que foi publicada a notícia, um jovem soropositivo homossexual tentou o homicídio por ter sua auto-estima rebaixada ao nível mínimo. Eu considero que todas as minorias sociais, os gays, lésbicas e travestis são os mais discriminados, porque a intolerância começa dentro de casa.

É possível observar que, apesar da intolerância e preconceito, a homossexualidade tem conquistado seu espaço e é discutida nos meios de comunicação. Ainda assim, a realidade tem mostrado que esses mesmos meios que a “promovem”, são os mesmos que ainda retratam o homossexual de forma estereotipada e até caricata, o que coopera de forma negativa e promove a manutenção social do preconceito.

Segundo o psicólogo Jaques-Jesus, colaborador dos sites Armário X e Grupo Gay da Bahia, um dos traços mais evidentes do mundo do trabalho é a crescente vocalização dos direitos das minorias. Mulheres, negros, homossexuais e portadores de deficiência são os

---

[6] Resolução do Conselho Federal de Psicologia n° 1/99, de 23.3.1999, que "Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual": "Art. 3° – Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados."

grupos que mais atuam em busca dos seus legítimos direitos. O interesse, nesse momento, está focado na busca pela emancipação do homossexual no campo de trabalho e, pode-se dizer, está associado à perspectiva marxista, à História da luta de classes. Torna-se, assim, importante salientar que o movimento socialista, em sua origem, via a luta pela libertação dos homossexuais como uma parte necessária da luta pelo socialismo; em outros momentos históricos, entretanto, esse posicionamento mudou contrastivamente.

É difícil, em pleno século XXI, encontrarmos nos classificados dos jornais ou em agências de emprego, anúncios que dêem prioridade a profissionais homossexuais. Com alguns milhões de brasileiros sem ocupação, segundo informações do DIEESE (Departamento Intersindical de estatística e Estudos Socioeconômicos), a cada dia se torna mais complexo conquistar um bom trabalho. Quando se trata de homossexuais, a situação tende a complicar-se já que além de sofrerem com a falta de emprego, eles podem ser discriminados na hora de ocupar uma vaga no mercado de trabalho.

O *site www.empregos.com.br*, na seção denominada "Comportamento", menciona que atualmente é mais comum encontrar homossexuais em profissões liberais e autônomas, por ser um mercado mais aberto. Logo, é possível observar o elevado número de estabelecimentos comerciais autônomos que concedem espaços de trabalho para os homossexuais, dentre eles destacamos os salões de beleza que têm tradicionalmente utilizado a mão-de-obra homossexual masculina.

4. Metodologia e interpretação dos dados

Este artigo analisa características do trabalho do cabeleireiro homossexual masculino. Para tanto, o espaço de investigação é um salão de beleza, localizado na cidade do Rio Grande/RS, cujo quadro de trabalhadores autônomos é composto de sete pessoas, das quais três são heterossexuais femininos e quatro homossexuais masculinos. Neste salão, observou-se que os homossexuais utilizam entre si uma linguagem diferenciada durante suas atividades profissionais. Considerando tal particularidade e com a adesão dos pesquisados, foi feita uma gravação em áudio das trocas linguageiras. A gravação, com a devida autorização dos envolvidos, foi realizada no período vespertino dos dias cinco e seis de junho de 2007.

Após coletado o material, foram feitas as transcrições dos diálogos e uma breve descrição da situação. Além disso, tornou-se imprescindível o retorno ao campo pesquisado, a fim de que os sujeitos pudessem "decodificar" seus dizeres para, a partir daí, possibilitar a análise do material. Os sujeitos apresentados são cabeleireiros, homossexuais assumidos e trabalham no mesmo salão de beleza. O primeiro é natural de Florianópolis e tem 27 anos, o

segundo tem 28 anos e é natural do Rio Grande. A seguir são apresentados dois fragmentos da interação.

SITUAÇÃO 01

Conversa entre os dois cabeleireiros homossexuais masculinos ("A" e "B"), em que B está lavando os cabelos de uma cliente na sala dos lavatórios e A chega exaltado, contando um fato que acontecera num outro momento.

A
Oh, mona uó (...)!
Sabe o ocó que aqüendo no ilê...
B
Ah!
A
Agora o o ocó argeu ...
B
Sim!
A
Ocó aquëndo o bate com a Dum, que os quatro ilê na citi.
B
Ah... (risos)
O ilê da Dum,o ilê do Omiu,o ilê da Chuchu e o ilê da Bimbau (...) (risos)
As quatro top que é onde ele tem que aqüendá o ilê.

A partir da situação exposta, observa-se que os cabeleireiros estão em situação de trabalho e que utilizam uma linguagem partilhada por ambos. Além da necessidade de consultar os próprios cabeleireiros pesquisados para compreender as trocas linguageiras, foi consultado o dicionário *Aurélia, a dicionária da língua afiada*[7], que traz um panorama de diferentes expressões homossexuais utilizadas no Brasil. A seguir, são apresentadas possíveis "traduções" para as palavras utilizadas:

Mona – mulher, mas é freqüentemente usado para denominar homossexual masculino
Uó – algo ou alguém ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado
Ocó – homem
Aqüendar – fazer alguma função; chamar
Bate – falar
Ilê – casa
Argeu – homem velho
Citi – cidade
Top – as boas
Dum, *Chuchu*, *Omiu* e *Bimbau* – apelidos

[7] *Aurélia, a dicionária da língua afiada* (2006) é o primeiro dicionário de expressões gays do Brasil. São 1,3 mil verbetes que refletem a cultura gay e lésbica, catalogados pelo jornalista Victor Ângelo. Segundo o autor, o título é uma homenagem ao dicionário Aurélio.

Ainda que A e B estejam conversando sobre um assunto que não se relaciona com a atividade desenvolvida no salão de beleza, ambos estão trabalhando. É válido observar que a linguagem partilhada pelos cabeleireiros não se restringe ao trabalho no salão de beleza, já que é um substrato da cultura homossexual brasileira, mas ao ser utilizada no trabalho remete ao fato de ter uma importante função no desenvolvimento das atividades. Isso pode ser observado pelo fato de a interação verbal, realizada via enunciado concreto, materializar o diálogo constitutivo "entre o sujeito, língua e sociedade" (Faïta, 2005).

Podemos observar nos enunciados proferidos pelos cabeleireiros a adesão a um dado modo de ser e de dizer que não deixa de ser cultivado no trabalho. Essa dimensão remete à distinção entre linguagem *como* trabalho, *sobre o* trabalho e *no* trabalho, proposta por Nouroudine (2002). A primeira, *como* trabalho, é a linguagem que faz, aquela partilhada por todo o coletivo. Ela é socializada entre todos; por isso, é econômica. A linguagem *sobre o* trabalho é a que interpreta o trabalho. Se um ou mais trabalhadores, por exemplo, estiverem falando de alguma forma sobre seu fazer, estão utilizando a linguagem *sobre o* trabalho. Por fim, a linguagem *no* trabalho é aquela circundante, que contempla uma situação global, mais ampla. É uma parcela da linguagem que não participa diretamente da atividade específica, mas faz parte dela. No caso em foco, é possível perceber a linguagem circundante como produtora de sentidos variados, que não se distanciam do trabalho propriamente. Ao lavar o cabelo de uma cliente, o cabeleireiro B faz uso da linguagem não-verbal (*como* trabalho) e, ao mesmo tempo, de uma verbal, *no* trabalho. A primeira é focada no seu saber profissional e a segunda nas suas experiências pessoais. Ainda que o trabalho não dependa do modo de dizer dos homossexuais, os efeitos de sentido que circulam no ambiente profissional reflete e refrata um modo singular de interagir com o outro, deixando fluir suas experiências cotidianas que ultrapassam as paredes do salão de beleza.

SITUAÇÃO 02

O salão tem aproximadamente seis clientes; A está escovando uma cliente, B cortando os cabelos de um rapaz e duas pessoas estão aguardando atendimento. Ao fundo está tocando o DVD de Ivete Sangalo, e o clima está amistoso e descontraído entre A e B. Neste contexto entra uma moça, e A comenta para B:

Olha a amapoa do picumã de EQ odara!!!!

Para entender o enunciado, faz-se necessário recuperar possíveis significados das palavras pronunciadas:

Amapoa – termo usado para designar mulher
Picumã – cabelo
EQ – o mesmo que truque; engano; coisa falsa
Odara – bonito, elegante, vivaz

É importante observar que no diálogo entre A e B, outras pessoas, clientes do salão, presenciam a fala. O cabeleireiro A faz um comentário para B sobre o cabelo de uma mulher que está chegando no salão. No enunciado, há uma referência ao cabelo que, mesmo não natural, está bonito. É provável que os clientes não entendam o que os cabeleireiros estão falando, mas podemos dizer que os clientes estão fazendo parte do enunciado ao serem "excluídos" da troca verbal. Há uma projeção no dizer que, se por um lado, inclui somente o interlocutor que conhece um jeito de dizer, próprio de um grupo restrito, os homossexuais, por outro, exclui os não pertencentes a esse grupo.

Observando as dimensões da linguagem *como* trabalho, *sobre o* trabalho e *no* trabalho (Nouroudine, 2002), podemos entender que o cabeleireiro A faz uso da linguagem *como* trabalho, em sua modalidade não-verbal, ao escovar o cabelo de uma cliente, e da linguagem *no* trabalho, na forma verbal, ao se comunicar com B. O cabeleireiro B ocupa uma posição de interlocutor de A; portanto, partilha dos conhecimentos necessários (linguagem *no* trabalho) para interagir com A. Ao mesmo tempo, B faz uso não-verbal da linguagem *como* trabalho, ao efetuar o corte de cabelo de um cliente.

Podemos entender que ambos os cabeleireiros desenvolvem sua atividade fazendo uso de uma linguagem *como* trabalho e *no* trabalho. São duas dimensões interdependentes que fazem circular diferentes experiências, desde as mais pontuais, como lavar e cortar cabelo, até as mais amplas, pertencentes a outros domínios de atividade, como o conhecimento de expressões próprias de um dado grupo, que extrapola o cotidiano profissional. São saberes diversos que se articulam em prol da prática laboral, criando efeitos de singularidade.

Considerações finais

A partir das práticas discursivas observadas em situação de trabalho, foi possível resgatar características da atividade profissional de dois cabeleireiros, homossexuais masculinos, que trabalham em um salão de beleza na cidade de Rio Grande. Esta investigação, ainda inicial, primou pela observação do enunciado concreto, cujo princípio

dialógico (Bakhtin, 2003) institui a constante inter-relação com discursos outros. Os enunciados foram observados a partir da esfera de atividade em que são produzidos e circulam. Ainda que os enunciados verbais destacados dos cabeleireiros sejam marcados por características de uma esfera de comunicação própria de um grupo de homossexuais, ao serem pronunciados em outra esfera em que estão exercendo a atividade de cabeleireiro, adquirem efeitos de sentido imbricados por experiências diversas, tanto pessoais quanto profissionais.

Na atividade viva de trabalho, percebemos as diversas dimensões da linguagem em relação ao trabalho. A linguagem *como* trabalho, voltada para o fazer, e a linguagem *no* trabalho, que ultrapassa as fronteiras profissionais, são materializadas em práticas não-verbais e verbais, fazendo imbricar diferentes saberes: os profissionais e as experiências fora do salão de beleza (partilhadas somente por quem convive com um determinado grupo de indivíduos). Podemos dizer que os cabeleireiros homossexuais partilham de diferentes experiências tanto no meio profissional quanto fora dele. Se, por um lado, as práticas linguageiras podem causar curiosidade ou excluir de um dado saber quem não as conhece, por outro, podem formar aliados que, querendo ser "diferentes" perante o grupo heterossexual, causam estranhamento e um clima enigmático.

Na prática profissional, os cabeleireiros mobilizam diferentes saberes para lavar, cortar e escovar cabelos. Cada um tem uma história de vida e de trabalho, que vai se revelando na atividade laboral que não exclui outras atividades. Tanto as práticas coletivas, partilhadas por todos, como as individuais, restritas a um dado público, permeiam o trabalho do cabeleireiro e não podem deixar de mostrar facetas da constituição dialógica do sujeito, seu caráter histórico e heterogêneo, que se concretiza na permanente inter-relação com o outro (sujeitos e discursos).

Referências

ALGODOAL, M.J.A.O. As práticas de linguagem em situação de trabalho de operadores de telemarketing ativo de uma editora. Tese de Doutorado, PUC/SP, 2002.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.). *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929). São Paulo: Hucitec, 1992.

___. Os gêneros do discurso (1952-1953). In *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Pontes, 2003.

BERGER, P. Algumas observações gerais sobre o trabalho. *RAE – Revista de Administração de Empresas* da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, v.23(1), p.13-22, jan./mar, 1983

CODO, W. *Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

COSTA, R.P. *O amor homossexual: a resolução dos preconceitos*. São Paulo: Gente, 1994.

CURTI, M.L.A. (2000). Homossexualismo é uma doença? In *Diário de Cuiabá*, edição 9648.

FAÏTA, D. *Análise dialógica da atividade profissional*. Rio de Janeiro: Imprima Express, 2005.

FLORES, V. N. e TEIXEIRA, M. *Introdução à lingüística da enunciação.* São Paulo: Contexto, 2005.

FREITAS, M.T.A. *Vygotsky & Bakhtin – Psicologia e educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 2006.

GOLDSTEIN, J. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa***.** Versão 1.0. Ed. Objetiva, 2001.

LAVILLE, A.; TEIGER, C. & DANIELLOU, F. Ficção e realidade do trabalho operário. In *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, FUNDACENTRO*, n^0 56, vol. 17, pp. 7-13, 1998.

LIBI, F. e VIP, Â. *Aurélia, A dicionária da língua afiada*. São Paulo: Ed. Bispa, 2006.

MEZAN, R. *Tempo de mudança: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MOTT, L. R. *Homofobia: a violação dos direitos humanos de gays, lésbicas & travestis no Brasil*. 1997.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. *In*: Souza-e-Silva, M.C. e Faïta, D. (org.), *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França.* Trad. Ines Polegatto e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1998.

RODRIGUES, H. *O amor entre iguais*. São Paulo: Mythos, 2004.

SAAVEDRA, J. *Sobre homossexualidade, movimento gay, futuro*. In A notícia, Florianópolis, 2001.

SCHWARTZ, Y. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes**.** *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, n.7, jul./dez. 2000.

___. Entrevista: Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 4 n. 2., 2006.

___. A linguagem no trabalho. Trad. Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha. *In:* Schwartz, Y. & Durrive, L. (org.) Travail et ergologie: entreteins sur l'activité humains. Toulose, Octarès (no prelo).

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record. 2002.

ZANDWAIS, A. (org.); SERIOT, P. (org.); VELMEZOVA, E. (org.); TCHOUGOUNNIKOV, S. (org.); LAATHEMAKI, M. (org.); INDURSKY, F. (org.); CAZARIN, E. (org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a Filosofia da Linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2005.